

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

MONALISA DA SILVA PINHEIRO

**NARRATIVAS DO CORPO FEMININO:
Mulheres mastectomizadas e as artes visuais**

ORIENTADORA: PROF^a DR^a LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE

Porto Alegre, 2011

Agradecimentos

*Agradeço exclusivamente a professora Luciana
por sua fundamental contribuição neste trabalho.*

RESUMO

O presente trabalho pretende nortear um diálogo da saúde com arte, entendendo que a presença da arte na vida das pessoas não é mero subterfúgio utilizado para distração ou privilégio de alguns entendidos. O enfoque principal deste estudo são as narrativas do corpo de mulheres que estão em tratamento contra o câncer de mama e foram submetidas a uma mastectomia, isto é, tiveram a retirada parcial ou total da mama. O principal objetivo desta pesquisa é analisar as percepções de mulheres mastectomizadas em relação às narrativas visuais do corpo feminino nas obras de Jo Spence. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como enfoque teórico a análise de conteúdo como delineamento de tipo de estudo a pesquisa descritivo-exploratória. O estudo foi realizado na Unidade de Quimioterapia ambulatorial de uma instituição hospitalar de São Leopoldo, que se destina, especificamente, ao atendimento de pacientes oncológicos, no período de julho a dezembro do ano de 2010. Ficou, portanto evidente que as pacientes apresentaram um estranhamento a um corpo esteticamente comum, outro aspecto que ficou em evidencia foi a valorização principalmente da iniciativa da artista em se expor e pelas suas reivindicações hoje em dia ainda tão atuais

Palavras chave: artes visuais; gênero feminino; corpo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
2.0 REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO	10
3.0 A MULHER E A MASCTECTOMIA - BREVES CONSIDERAÇÕES	12
4.0 A ARTE FOTOGRÁFICA	14
5.0 JO SPENCE: UMA NARRATIVA DE UM CORPO DOENTE	15
6.0 METODOLOGIA DE PESQUISA	18
7.0 ASPECTOS ÉTICOS	22
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	24
O ESTRANHAMENTO FRENTE A UM CORPO ESTETICAMENTE COMUM	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERENCIAL TEÓRICO	33
APENDICE A	36
APENDICE B	37
APENDICE B	38
APÊNDICE C	39
APÊNDICE D	39

INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu de algumas reflexões sobre a minha vivência acadêmico/profissional na área da saúde e da educação trabalhando com adultos, e alunos de ensino médio e nível técnico em suas diferentes fases do ciclo de vida. Este trabalho pretende nortear um diálogo da saúde com arte, entendendo que a presença da arte na vida das pessoas não é mero subterfúgio utilizado para distração ou privilégio de alguns entendidos. Entretanto, não desejo enfatizar um discurso arte-terapeuta¹ focado na clínica médica propriamente dita, uma vez que, fazendo isso, estaria submetendo a arte, no caso deste trabalho, as artes visuais, em função da terapia e não do sujeito.

Para trabalhar esta questão do corpo feminino acredito em uma abordagem transdisciplinar que inclui contribuições de diferentes perspectivas: educação, saúde, arte, que iluminam a compreensão do feminino e das relações de gênero.

Depois de passar por séculos escondido pelas vestimentas o corpo, ressurgiu cheio de prestígio no início do século XX. A segunda onda do movimento feminista traz suas questões centradas no corpo e na sexualidade da mulher, diferentemente da primeira onda que objetivava a igualdade de direitos. As representações ganham o tom político dos manifestos e proliferam as ações onde o corpo é tomado como suporte da própria obra. As propostas visam romper com os sistemas de regulação e classificações

¹ Segundo a Associação Brasileira de Arteterapia a arteterapia é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde. Utiliza, para isso, as linguagens plástica, sonora, dramática, corporal e literária envolvendo as técnicas de desenho, pintura, modelagem, construções, sonorização, musicalização, dança, drama e poesia. É aplicada na avaliação, no tratamento, na profilaxia (prevenção), reabilitação e educação de clientes especiais.

científicas e culturais impostas ao corpo da mulher. As mulheres tornam-se, pois o principal foco dentro desta discussão.

De acordo com Foucault (1996) a partir dos anos sessenta o poder disciplinar rígido aplicado aos corpos não era tão indispensável quanto se acreditava, e que a sociedade industrial podia se contentar com um poder mais tênue sobre o corpo.

Descobriu-se, desde então que os controles da sexualidade poderiam ser aplicados de outras maneiras através da exploração econômica da erotização. O mesmo autor segue descrevendo que o enfoque sobre o controle do corpo se modificou deixando de ser de controle-repressão para controle estimulação: “Pode ficar nu... mas seja magro, bonito e bronzeado”. O corpo na sociedade contemporânea pode ser considerado tanto capital como objeto de consumo, investe-se nele a fim de se exprimir signos visíveis de perfeição. Neste sentido, o corpo estetizado dentro dos padrões de beleza ocidental possui status e poder.

Os ideais estéticos propostos pela sociedade ocidental estão cada vez mais difíceis de serem alcançados, os usos de editores de foto acabam por criar uma imagem desnaturalizada de um corpo impossível de ser alcançado tornando esta busca pela perfeição interminável. Contudo, é interessante observar como a mulher contemporânea parece desconhecer os limites do próprio corpo submetendo-se cada vez mais a estas imposições culturais, sem questionamento, em um processo que chamaria de criminalização do corpo natural.

Com o advento da arte moderna, surgiram formas de representações artísticas do corpo da mulher nas artes visuais que se desprenderam das imagens idealizadas e romantizadas da idade média ou do Renascimento. Este corpo passou a apresentar tipos e formatos diferentes dos quais, muitas vezes, aprendemos a ver nas mídias sociais. Mostrar imagens fotográficas de corpos cotidianos, doentes neste caso, na sociedade atual, pode ser provocador. Tal como a imagem da jovem afegã de 18 anos que teve o nariz decepado pelo companheiro, por ser acusada de fugir de casa e foi capa da revista Times no ano de 2010. (APENDICE A)

De acordo com Schiller, a arte educa. Não educa para isto ou para aquilo, para nenhuma doutrina específica. Educa para a liberdade. É somente através da arte ou, melhor, na arte que experimentamos propriamente a liberdade e, por isso, ela nos prepara para o enfrentamento do problema da liberdade moral, centro de qualquer discussão política digna de nota.

Esta proposta de pesquisa entende que o corpo feminino vai além das imagens de corpos que acostumamos a ver nos meio de comunicação social ou nas reproduções passivas mais comuns da história da arte ocidental. Torna-se pois relevante examinar estes diferentes cânones da beleza feminina, contextualizado com a sua produção e inserção.

A artista utilizada na presente pesquisa, Jo Spence, de alguma maneira está comprometida com o projeto feminino e parte da representação do corpo, na maioria das vezes auto-representação, para encenar diferentes identidades sociais, culturais e

econômicas das mulheres. A fotógrafa feminista Jo Spence narrou seu processo de adoecimento com câncer mamário não com o intuito de vitimização ou auto piedade, e sim como uma narrativa que afronta o poder social e médico sobre o corpo. Para Loponte (2008) os corpos dessas mulheres perturbam, surpreendem exatamente por serem muitos comuns e tão distantes dos modelos de beleza corporal feminina que aprendemos através da cultura visual da época em que vivemos.

Desta maneira, colocar em pauta estas discussões na atualidade, debatendo a relevância destas dimensões estéticas e éticas das narrativas do corpo feminino fragilizado pela doença já trazidos por Jo Spence há mais de duas décadas atrás, pode em outras palavras, descortinar como a estética se experimenta aquela unidade do ser.

Neste sentido, este adestramento das percepções, poderia causar uma falsa idéia de corpo real, e as artes com as suas obras poderiam estar oferecendo uma fonte reflexiva frente a este tema, uma vez que as narrativas fotográficas aumentam as perguntas, portanto potencialmente aumentando a amplitude social de compreensões e as respostas á doença.

Sendo assim, atravessada por estas unidades de significados surgiu o questionamento: Qual é o discurso de mulheres mastectomizadas em relação a representações visuais do corpo feminino na obra de Jo Spence?

Neste sentido, o objeto do presente estudo pretende conhecer as percepções de mulheres mastectomizadas em relação às representações visuais do corpo feminino nas fotografias de Jo Spence, relacionando o discurso nas propostas estéticas atuais.

2.0 REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO

Quando falamos de corpo humano entendemos não apenas a anatomia do corpo, nesta visão quase que minimalista que abrange a dimensão fisiológica composta de músculos, órgãos, sistemas, líquidos e pele. Neste trabalho consideraremos o corpo como um artefato carregado de símbolos, de representações e significados que são mutáveis de acordo com o período histórico e com a sociedade.

Para que possamos entender os aspectos sociais éticos e estéticos que envolvem o corpo da mulher, faz-se necessária uma breve discussão teórica a respeito da construção histórica dos discursos sobre o corpo feminino e a criação e instituição de certas representações femininas presentes na atualidade na nossa sociedade. Dentro deste contexto, Sant'Anna (2003) diz que um exemplo disso é a vertiginosa proliferação que acontece a partir do século XX de imagens de corpo feminino, muitas despido de vestimentas, representando o modelo de belo e saudável. As imagens destas belas mulheres acabam por instigar todo o desejo humano de poder ser alguém representativo na sociedade, confundindo muitas vezes a certeza do real motivo da nossa existência.

Para Angeli (2004), entre os espaços sociais em que se apresenta nas artes o corpo feminino é reconhecido como objeto do olhar e do desejo, aspectos que logo se tornam alvo das campanhas publicitárias, mas aparece calado devido ao pudor que lhe é exigido como marca de feminilidade.

Em decorrência da nova ordem econômica, Vieira (2005) diz que os mercados e, sobretudo, os sujeitos passam por profundas transformações sendo que muitos

qualificam estas alterações do corpo somente em termos das alterações da economia. Entretanto estas implicam em mudanças políticas culturais e tecnológicas que influenciam diretamente na postura da mulher e na sua relação com o corpo e com a sociedade. A partir deste momento surge uma cultura dos corpos com modelos estéticos praticamente incansáveis tanto de masculinidade quanto de feminilidade.

Goldenberg (2005) afirma que o término do século XX e o início do século XXI vão ser lembrados como o momento em que o culto ao corpo se tornou uma verdadeira obsessão, transformando-se em um estilo de vida, pelo menos entre as mulheres das camadas médias urbanas. A autora segue afirmando que podemos perceber que profissões tais como as de modelos e atrizes antes desprestigiadas na sociedade adquiriram nos dias atuais, um status de poder, passando a ter uma carreira almejada por adolescentes e jovens brasileiras. Nestes personagens do cotidiano estão projetados os desejos de corpo e de estilo de vida deste século, sendo consideradas mulheres de sucesso. Bourdieu (1990) contribui afirmando que as mulheres, ganharam um "nome" a partir de seu corpo, sua aparência, sua beleza ou passando a possuir um capital físico.

Neste sentido, diante deste complexo cenário de crescente valorização do corpo e da imagem, com o foco inclinado principalmente para o gênero feminino como se sentiria o sujeito que se encontra a margem destes rígidos padrões estéticos e de boa saúde? Isso, geralmente acontece com mulheres que tem que enfrentar um tratamento que impõe uma série de transformações corporais tais como o contra o câncer. Para Goffmann (1988) os padrões que a pessoa, com atributos de um estigma, incorporou da sociedade maior, torna-a intimamente susceptível ao que os outros vêem como seu

defeito, levando-a a concordar que, na verdade, ela ficou abaixo do que realmente deveria ser.

O ser diferente para Albuquerque (2002), passa a ser desviante, desacreditado, estigmatizado, esta condição está associada a aceitação social, mostrando o lado mais doloroso, e a pessoa, dita “defeituosa”, deve procurar o caminho da vitimização e procurar corrigir-se.

3.0 A MULHER E A MASCTECTOMIA - BREVES CONSIDERAÇÕES

De acordo com Rocha e Pedrini (2009) as mamas não são somente glândulas cujas características mais evidentes são as de identificar a mulher e propiciar o desenvolvimento sadio de seus descendentes. O mesmo autor segue descrevendo que a simbologia dos seios femininos é tão forte que a palavra mama deu origem ao adjetivo mamífero. Neste sentido as mamas permeiam a história da humanidade. Podemos afirmar que a força iconográfica das mamas humanas se manifesta em todos os ambitos da sociedade: nas ciencias, nas religiões e nas artes.

Neste sentido, quando uma doença afeta este membro tão atravessado por significados levando-o a uma modificação corporal séria, isso pode causar uma série de questionamentos e distorções no auto conceito da mulher.

O câncer de mama, dentre as neoplasias malignas, tem sido o responsável pelos maiores índices de mortalidade no mundo, tornando-se uma das grandes preocupações em saúde pública, no que diz respeito à saúde da mulher. No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, o câncer de mama representa uma das primeiras causas de óbitos em mulheres. No Brasil, o câncer de mama feminino constitui-se numa patologia maligna

de maior incidência populacional, e tem seu quadro agravado por ser diagnosticado em fase tardia, em particular nas classes com menor poder aquisitivo. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), a neoplasia de mama é a segunda mais frequente no mundo e a mais comum entre as mulheres. Para o ano de 2008, o INCA estimou cerca de 49.400 novos casos de câncer de mama, com um risco estimado de 51 casos a cada 100 mil mulheres. No País, a cada ano, cerca de 22% dos casos novos de câncer em mulheres são de mama.

No final do século XIX, o médico-cirurgião Hasteld descreveu e publicou os resultados de uma técnica inovadora de remoção cirúrgica que representaria a cura para o câncer de mama. Esta técnica, denominada mastectomia radical, consiste na retirada total da mama afetada pelo câncer e, por ser considerada um procedimento cirúrgico extremamente agressivo e traumático para a mulher, atualmente vem sendo substituída por outras cirurgias que evitam a mutilação. (Boff,1999)

Contudo mesmo com os avanços a técnica ainda é amplamente utilizada no nosso Sistema Único de Saúde. Aspectos psicossociais do câncer de mama as mamas além de desempenharem um importante papel representam em nossa cultura um símbolo de identificação da mulher e sua feminilidade expressas pelo erotismo, sensualidade e sexualidade.

4.0 A ARTE FOTOGRÁFICA

Quando os seres não conheciam os mecanismos de utilização da fala, já desenvolvia o olhar para observar e compreender a relação com o seu meio. Por intermédio do olhar, o ser humano podia delinear seus espaços, tendo o olho como instrumento e como fronteira móvel entre o sujeito e o mundo externo (Bosi, 1998).

Assim, a imagem já estava presente nos primórdios da humanidade, sendo as superfícies refletoras de luminosidade, reveladoras do mundo. A imagem, seria um dos primeiros canais de percepção do cenário humano, antecedente de outros signos para construção das idéias, um dos elementos do qual se serve a nossa mente para compreender a cultura, permanentemente em retro-alimentação.

A fotografia passava a ser de uso geral, ganhava importância social. Hoje, pode-se dizer que a fotografia tem importância nos diversos setores da sociedade, sendo um dos meios capazes de conformar idéias e influenciar comportamentos, estando inserida no cotidiano sociocultural, ganhando dimensões ilimitadas.

Compreender a arte contemporânea é, sem dúvida, um enorme desafio uma vez que, rompe um pensamento sobre a própria arte ou uma análise crítica da teoria visual. Historicamente, isto acontece sempre; qualquer que seja a época e a obra. Os valores estéticos, as temáticas, as mensagens que subjazem à Arte Contemporânea, durante algum tempo, são exclusivamente do domínio de entendimento, enquanto mensagens novas, ou novas maneiras de transmitir as mensagens, do artista, do criador.

Por norma, o público, a quem afinal de contas se destina qualquer obra de arte, demora sempre mais tempo a interpretar as novas gramáticas estéticas e de expressão. É natural que assim seja; apenas algumas elites culturais apreendem com maior celeridade o conteúdo representativo e temático das tendências novas da Arte Contemporânea, maneiras de transmitir as mensagens, do artista, do criador.

Salvaguardando o documento fotográfico das interferências da tecnologia, Dubois (1999) considera a fotografia um documento fotográfico que presta contas do mundo com fidelidade. Essa qualidade fidedigna da fotografia lhe concede um valor imanente à imagem representada, por narrar um acontecimento no espaço e no tempo, bem como um lugar no contexto das narrativas, sendo uma representação visual, capaz de representar ideias, crenças, conhecimentos e valores.

De qualquer das formas, há muito que a fotografia deixara de ser um mero meio de exposição da realidade enquanto momento único, estático, de congelamento da situação fotografada, tendo como único fim o relato da situação: histórica, factual, social, de eventos, sem qualquer atrevimento de ordem estético-artística.

5.0 JO SPENCE: UMA NARRATIVA DE UM CORPO DOENTE

As obras que iremos tratar no presente estudo são da artista inglesa Jo Spence que nasceu em 1934 e cresceu na cidade de Londres. Em 1940, seus pais a enviaram para viver longe dos perigos, durante a Segunda Guerra Mundial. Jo Spence foi trocada diversas vezes de escola até o final da Guerra.

A sua fotografia, explora as relações de poder entre as classes, homens e mulheres, doentes e médicos, fotógrafos e modelos. As fotografias de Jo Spence, refletem um dos eixos centrais da segunda onda do feminismo: o pessoal é político. A artista inspira-se pelo livro a Mística Feminina (em inglês: *The feminine mystique*) de autoria de Betty Friedman publicado em 1963.

Podemos citar como exemplo, o fato de que ela estava profundamente empenhada em fazer a fotografia acessível a todo o tipo de pessoas. Isso não estava apenas relacionado às imagens em suas fotografias, mas tecnologia em si (Barndt, 1998). Seu enfoque principal voltava-se para materiais de baixo custo, e em equipamentos mais simples para fazer fotos. Também empenhou-se para ensinar fotografia às crianças, e foi co-autora de um livro intitulado "O que uma mulher pode fazer com uma câmera? (Salomão e Spence, 1995).

Neste sentido, Jo Spence usava sua experiência com seu corpo para desvendar o cotidiano, normalizado, práticas institucionalizadas e os códigos de fotografia que representam gênero, família, e o corpo feminino (Grigsby, 1991). Ela acreditava que fotografias, como entidades, nunca estão acabadas, mas sempre devem provocar debate, incentivar a ação. Em suas fotografias de narrativas do seu câncer, Spence também contestou o poder da ciência ocidental, os médicos e a experiência vivida em fragmento, para reduzir pessoas corpos, e para criar pacientes que agem sempre com passividade.

No presente estudo, vou focar nas fotografias em que Jo Spence narrou sua experiência de doença com câncer de mama e posteriormente a leucemia que em ultima

instancia foi a causa da sua morte. As fotografias nas quais ela aparece de diversas formas são representações de eventos que ocorreram ao longo de uma década de tratamento.

Podemos dizer que as fotografias de Spence são narrativas no sentido mais amplo da palavra, pois estruturalmente, elas contêm ordem cronológica dos acontecimentos. Os "pontos" e argumentos que perpassam a fronteira entre texto e imagem. Essas narrativas fotográficas também têm uma função documental permitindo Spence transformar a sua experiência com o câncer, saindo do âmbito privado, para o público e coletivo levantando questões problemáticas a sociedade. Estas fotos trazem o corpo em pesquisa em ciências sociais de uma forma imediata e talvez chocante.

6.0 METODOLOGIA DE PESQUISA

Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como enfoque teórico a análise de conteúdo e como delineamento de tipo de estudo a pesquisa descritivo-exploratória.

Polit e Hungler (2005) referem que a pesquisa qualitativa compõe-se da coleta e analisa sistemáticas de informações relatadas com caráter subjetivo, buscando compreender os fenômenos na sua totalidade não enfocando conceitos específicos, voltando para as experiências pessoais.

Para Richardson (1999), a abordagem qualitativa procura entender a natureza de um fenômeno social, compreendendo situações complexas e particulares que não são abordadas nos modelos quantitativos. Complementa ainda que os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinados problemas, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vivenciados pelos grupos sociais, contribuindo no processo de mudança de determinados fenômenos e entender a singularidades comportamentais dos indivíduos.

Nesse sentido Triviños (1990) refere que os estudos descritivos pretendem descrever os fenômenos e fatos de maneira precisa em um determinado contexto.

Conforme Polit e Hungler (2005), os estudos descritivos procuram observar, descrever e explorar os fenômenos que estão sendo vivenciados pela comunidade.

Polit e Hungler (2005) referem que a pesquisa qualitativa compõe-se da coleta e analisa sistemáticas de informações relatadas com caráter subjetivo, buscando compreender os fenômenos na sua totalidade não enfocando conceitos específicos, voltando para as experiências pessoais.

O presente estudo realizou-se com usuárias do Sistema único de Saúde de um centro de câncer na cidade de São Leopoldo/RS onde se realiza tratamento de quimioterapia e radioterapia e atende a toda região do Vale dos Sinos. A escolha dos sujeitos de pesquisa ocorreu mediante a consulta prévia, afim de que o sujeito de pesquisa entre nos critérios de inclusão que são: possuir idade superior a 18 anos e ser mulher e ter passado por uma cirurgia de remoção de uma das mamas (mastectomia).

A escolha deste campo se deu por permear diferentes facetas de uma mesma situação, apresentando a possibilidade de colher discursos de mulheres que teoricamente estão dentro dos padrões estéticos da nossa sociedade ocidental e de mulheres que se apresentam a margem desta realidade com seus corpos mutilados pelo tratamento contra o câncer.

Para a coleta de informações deste estudo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Para Manzini (2004), as entrevistas são guiadas por um roteiro de questões o qual permite uma organização flexível e ampliações de questionamentos a medida que

as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado. Contou com um roteiro de questões norteadoras relacionadas às fotografias observadas pelos participantes. Esta conversa foi realizada com total privacidade em sala adequada.

Para a utilização de entrevistas, Bicudo (2006), refere que deve haver um planejamento prévio e manutenção do componente ético, desde a escolha do entrevistador, do local da entrevista, do modo em que ela será aplicada ou mesmo o momento para a sua realização. A entrevista, afirmam Polit e Hungler (2005) garante maior taxa de respostas, adaptam-se a uma imensa variedade de indivíduos e fornecem informações mais ricas que os questionários. Neste sentido, complementa (TRIVIÑOS, 1990, p.146):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiado em teorias hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Foram utilizadas duas fotografias da obra de Jo Spence (Apendice A), escolhidas após ampla discussão e análise da sua significação e aproveitamento neste no presente trabalho.

Para Telles apud Greene (2006), os choques de conscientização produzidos por meio dos encontros com as artes as pessoas deixam ou deveriam deixar-las, menos imersas a rotina do dia-a-dia, mais impelidas a desejar e saber questionar .

Durante a entrevista, foram apresentadas as fotografias impressas em tamanho 20X21mm para o sujeito de pesquisa, apreciar. Foram realizadas algumas perguntas norteadoras a respeito da imagem (APENDICE B). Estas entrevistas foram gravadas em fita e posteriormente transcritas. É indicado o uso de gravador na realização das entrevistas, para que o poder de registro e captação de elementos de comunicação extrema, tais como, pausas para reflexão, dúvidas ou entonação de voz, aprimorando a comunicação e narrativa. (SCHRAIBER, 1995).

Uma das funções que a fotografia desempenhará é a de modelo artístico. Elas serão apresentadas aos participantes da pesquisa enfocando os temas relacionados com corpos femininos, e se propõe a relacionar o tema aos objetos de estudo, sem ao mesmo tempo, retratar as próprias participantes.

Diante da complexidade do tema, torna-se necessário utilizar-se de métodos e práticas de diferentes áreas do conhecimento para um estudo mais atrativo do fenômeno. Esta intertextualidade, isto é, o estabelecimento de um diálogo entre diferentes linguagens, permite interagir com outras visões, outras linguagens e discursos sobre o mesmo objeto. Neste sentido, a fotografia torna-se um meio de expressão singular e em certo contexto artística.

As informações coletadas foram analisadas por meio da construção de um conjunto de categorias descritivas conforme Lüdke e André (1986). Estas autoras referem que concluída a coleta de dados, o pesquisador deverá se centrar no material acumulado e buscar destacar os pontos de relevância do estudo.

7.0 ASPECTOS ÉTICOS

As questões éticas foram respeitadas conforme, as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa em Seres Humanos da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), descrito por Goldim (1997).

Os sujeitos de pesquisa foram solicitados a participar do estudo por meio da apresentação do pesquisador e esclarecimentos sobre os propósitos da pesquisa, seguindo-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Richardson et al. (1999) comenta que após a escolha do local da pesquisa, o pesquisador deve entrar em contato com as participantes a fim de estabelecer um relacionamento que possibilite sentirem-se preparadas para responder os questionamentos que lhes serão dirigidos, mas se preocupando para que tal proximidade não interfira nos resultados dos dados.

Os participantes que farão parte da pesquisa foram informados sobre os objetivos do estudo, e foi lhes assegurado o anonimato. Também foram informados quanto a impossibilidade em participarem do estudo ou desistirem da mesma em qualquer das suas etapas. Antes da realização da entrevista, os sujeitos de pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (APENDICE C) em duas vias, uma via ficará com o pesquisador e a outra com cada sujeito.

O consentimento voluntário do ser humano é absolutamente essencial. Isso significa que as pessoas que serão submetidas ao experimento devem ser

legalmente capazes de dar consentimento; essas pessoas devem exercer o livre direito de escolha sem qualquer intervenção de elementos de força, fraude, mentira, coação, astúcia ou forma de restrição posterior; devem ter conhecimento suficiente do assunto em estudo para tomarem decisão (CÓDIGO DE NUREMBERG, 1947, apud GOLDIM, 1997, p.22)

Convém ressaltar que as entrevistas foram gravadas em fitas para apreensão de todo o fenômeno, e após a transcrição serão destruídas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A leitura minuciosa das falas dos sujeitos de pesquisa teve como finalidade captar a presença dos aspectos comuns na verbalização destas pessoas que, isto é, convergências, divergências que permitiram, pois elaborar as categorias temáticas concretas, que serão costuradas a luz de teóricos. Portanto, convém ressaltar que a análise e a interpretação dos significados apreendidos mostraram-se suficientes para a compreensão do fenômeno proposto neste estudo.

Durante a coleta de dados da pesquisa, em que as usuárias foram questionadas sobre os significados das fotografias de Jo Spence surgiu a seguinte categoria: **O estranhamento frente a um corpo esteticamente comum.**

O ESTRANHAMENTO FRENTE A UM CORPO ESTETICAMENTE COMUM

Com relação ao objetivo deste trabalho que era conhecer a percepção de mulheres mastectomizadas em relação a as fotografias de Jo Spence surgiu um estranhamento frente a um corpo comum as entrevistadas. Este aceno ficou muito bem ilustrado no depoimento de Rosa, quando afirmava:

(...) “Claro o que chama a atenção é a mama claro, mas o conjunto também... Esteticamente não está muito bem. Não está nos padrões ideais digamos assim. Eu acho que é o corpo da maioria das mulheres” (...).

É interessante observar esta relação contraditória, pois ao mesmo tempo que o sujeito de pesquisa refere que o corpo não está dentro dos padrões de beleza vigentes em nossa sociedade, ela contrapõe dizendo que é o corpo da maioria das mulheres. Na contemporaneidade o corpo é visto como uma matéria a ser modelada, está sempre em

evidência e é constantemente redescoberto, porém nunca totalmente revelado. (SANT'ANNA, 2000). Poderíamos então acreditar que este corpo referido como *comum* não nos é revelado por ações midiáticas ou publicitárias, ele sim, estaria envolvido com ações cotidianas relacionais da vida da mulher.

Para Azevedo (2004), o que diz respeito à situação de enfrentamento pela visualização do corpo, mutilado pela mastectomia, percebe-se que mulher se sente estranha quando se encontra em situações como as que têm que expor o seu corpo. Para Swachuk (2000), a subjetividade, o nosso senso de quem somos, e de nossa capacidade de ser no mundo, estaria marcada pelas possibilidades tecnológicas do século XX, principalmente pela mídia.

Refletindo sobre a situação humana de expor o corpo: “comumente o homem não mostra seu corpo e, quando o faz, é ora com temor, ora com a intenção de fascinar”. De acordo com Malvezzi e Boemer (2004) parece-lhe que o olhar estranho que percorre seu corpo rouba-o de si mesmo ou que, ao contrário, a exposição de seu corpo vai entregar-lhe o outro sem defesa.

Vivemos em mundo de estetização generalizada, cujos objetos/ seres adquirem, constantemente, uma funcionalidade primária de embelezamento. Soma-se a isso, a mídia, e a própria indústria cultural que modifica maciçamente a estética, ditando padrões diversos, desejando tornar belo tudo o que toca. Discursos novos substituem as percepções antigas, e mesmo emoções novas substituem as de outrora, mas essa renovação só diz respeito ao conteúdo de nossa experiência e não à sua estrutura.

Se ver retratada numa obra considerada artística foi provocador para estas mulheres, uma vez que, este corpo não é comumente mostrado nos meios de comunicação vigentes em nossa sociedade, ou quando é mostrado, não é na mesma perspectiva de crítica proposta por Jo Spence e sim com o enfoque voltado a doença.

Para Herman (2008), a arte de viver tem uma dimensão estética em que a própria obra da vida deve ter a arte como modelo, por meio da criação de diferentes estratégias, articuladas com princípios universais, que refletem nossas lealdades irrenunciáveis com o mundo. A mesma autora, portanto, defende que a arte de viver, com seu apelo às condições concretas da vida e aos sentimentos, não exclui o reconhecimento de uma normatividade que ultrapassa as regras criadas pelo próprio sujeito, ou seja, universalidade e particularidade não se excluem.

Para Almeida (2001) A relação que a pessoa estabelece com o próprio corpo é um elemento constitutivo e essencial da individualidade. E a ruptura desse elemento pela doença tem um significado especial quando nos referimos ao câncer de mama, levando-se em consideração o simbolismo social e individual da mama feminina na sociedade: Clarice contribui dizendo:

(...) Sabe minha filha é bom a gente ver estas fotos, porque a gente vê que muito antes da gente imaginar ia iria ter esta doença a artista mostrava que existia(...)

De acordo com Herman (2008) As narrativas e os exemplos adquirem preponderância, por possibilitarem um acesso concreto ao problema. Uma das razões

desse procedimento é de caráter motivacional, pois não se consegue acesso à alma sem estabelecer com ela um contato pessoal, vivo e direto. Nesta direção, pode-se destacar a ação artística como forma de problematizar a temática provocando reflexões e desdobramentos.

Saber que existiram mulheres que passaram pela mesma situação em que elas se encontram deixa nossos sujeitos de pesquisa especialmente felizes. Se ver representada é uma forma de existir na sociedade. Para Campos (2008) as narrativas determinam os critérios de competência e/ou ilustram a sua aplicação; definem o que se tem direito de dizer ou fazer na cultura e, como são parte desta, encontram-se legitimadas. Ainda segundo o mesmo autor jogos de linguagem articulados de maneira narrativa, os relatos são o mínimo de relação exigido para que haja sociedade, visto que o ser humano, desde antes de seu nascimento, já é colocado como referente da história contada por aqueles que o cercam.

As mamas são símbolos da identidade corporal feminina. Soma-se a esse aspecto a representação do seio como condição materna, objeto de amor em que, através da amamentação, se estabelece a relação mãe-filho. Em consequência, a sua perda conduz a mulher recordar as lembranças das experiências positivas proporcionadas pelos seios saudáveis. Para Vieira et al (2007) A percepção feminina em relação ao corpo ao longo dos anos levou o lado estético ao extremo e, quando a mulher se vê na possibilidade de ficar sem uma de suas mamas, a tendência é que venha a se martirizar, porque não sabe como as pessoas irão reagir em relação à sua aparência.

No decorrer da apresentação das imagens ao caminharem e observarem as fotografias, as usuárias investigavam, aproximavam-se, concentravam o olhar em pontos que lhes chamavam a atenção. As narrativas, das entrevistadas, de um modo geral, apontaram para descrições físicas dos corpos mostrados, relacionadas com as atividades cotidianas vivenciadas pelas mesmas no ambiente hospitalar, refletindo sobre os conceitos propostos e, na maioria das vezes sem fazendo referência aos corpos expostos nas imagens fotográficas. Clarice ainda fala um pouco mais sobre a fotografia:

(...) Porque eu vejo ela mutilada, ela escreveu monstro. No começo a gente se sente meio assim (...).

Neste sentido, Ferreira (2003), aponta que mulheres que apresentam deformidades ou ausência da mama experimentam sentimentos nem sempre facilmente verbalizados, e os mitos, os ditos populares são um instrumento utilizado como metáforas para expressar dimensões profundas do humano que se tornam difíceis de serem comprovadas na linguagem conceitual. Talvez, por utilizar em suas narrativas fotográficas uma linguagem carregada de linguagem cotidiana, que a artista em questão Jo Spence com sua obra, chegue com tanta facilidade na compreensão das entrevistadas, proporcionando uma ação de auto-identificação.

A identificação de um corpo mutilado dá-se pela percepção que ela tem de seu corpo atual, alterado e diferente, principalmente nas situações em que o observa como nos momentos em que fica em frente ao espelho e quando está despida. A aparência, o visual belo, ainda é colocado em nossa sociedade como o admirável, o estar bonito, elegante, sentir-se bem (SILVA,2010).

Há que se considerar, ainda, a história da doença no decurso do tempo e da cultura, com seus significados e simbologias. Segundo Sant'Anna (2000), essa história é tão cheia de medo e vergonha que faz o imaginário recuar a receios ancestrais, cristalizando temores e expectativas que resistem aos avanços da ciência. Tais temores reanimam crenças arcaicas segundo as quais ser atingido pelo câncer é revelar uma monstruosidade essencial que mais ou menos se mereceu, em relação à qual não há absolvição (Imbaut-Huart, 1985). Assim, o câncer ainda é um segredo difícil de ser partilhado, narrado e ouvido, mesmo para a mulher, que culturalmente é mais estimulada a compartilhar, integrar e socializar experiências.

A experiência estética torna presente algo por meio que não ela própria, neste modo de produção de ser do homem, é que surge a linguagem dos símbolos (SANTOS, 2003). Arte e linguagem são, portanto, conjunções da natureza e razão, que resultam não obstante em conhecimento, tanto uma quanto a outra está intimamente relacionada com a *mimesis* e a representação.

As narrativas e os exemplos adquirem preponderância, por possibilitarem um acesso concreto ao problema. Uma das razões desse procedimento é de caráter motivacional, pois não se consegue acesso à alma sem estabelecer com ela um contato pessoal, vivo e direto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, permito-me descrever situações que, durante o transcorrer deste estudo, permearam a todo o momento as minhas vivências como trabalhadora da área da saúde e da educação.

Durante o estudo, algo que me chamou a atenção: percebi que estava investigando pessoas que de alguma maneira agradeciam pelo fato de estarem sendo ouvidas. Penso, que durante a coleta de dados tornei-me uma espécie de cúmplice de seus sentimentos, mas sempre mantive presente o compromisso de preservar a sua intimidade. Isto porque, tive a impressão de que as mulheres estavam menos inibidas para responder aos questionamentos propostos a elas, e que de alguma forma eu estava proporcionando uma espécie de conforto ao ouvi-las.

Percebi que a conversa com o sujeito de pesquisa durante a coleta de informações ocorre de maneira diferente daquela que costumamos utilizar nos corredores, ou nas unidades de internação, que geralmente ocorre de forma impessoal. No momento em que realizava as entrevistas estava centrada na pessoa, atenta aos sinais verbais e não

verbais da comunicação, tentando abstrair toda a subjetividade daquele período. Esta conduta me proporcionou momentos de emoção e reflexão, pois quando saia da sala de entrevistas sentia-me “pesada” e com o pensamento centrado nas falas dos pacientes.

Ainda no decorrer do presente trabalho me deparei com as falas impactantes destas mulheres e acredito que estes relatos tem muito a ver com as experiências estéticas destas mulheres ao longo da vida, e da visão reducionista do corpo feminino difundida em nossa sociedade na atualidade.

O processo de mostrar as figuras das narrativas corporais de Spence proporcionou uma experiência estética (educativa) as usuárias do serviço de saúde, dando-lhes uma possibilidade nova de sentido, que pode melhorar a relação com ela e com o outro, provocando um estranhamento do habitual desestabilizando puxando para o abismo, mas ao mesmo tempo abrindo para a reflexão. Contudo, tive o cuidado de não cair somente na contemplação da obra, mas também numa experiência social.

Em relação ao objetivo desta pesquisa que era analisar as percepções das mulheres em relação as obras de Jo Spence, pude perceber que pelas suas falas que as mulheres entrevistadas valorizam principalmente a iniciativa da artista em se expor e pelas suas reivindicações hoje em dia ainda tão atuais. Outro aspecto que considero de extrema relevância, é o fato do estranhamento proporcionado pelas fotografias, em relação a forma física da autora. Da mesma maneira que as mulheres diziam que este era um corpo comum enfatizavam em constatar que este era o corpo encontrado na maioria das mulheres.

Mostrar que a arte de viver tem uma dimensão estética em que a própria obra da vida deve ter a arte como modelo, por meio da criação de diferentes estratégias, que articuladas com princípios universais, que refletem nossas lealdades irrenunciáveis com o mundo. A arte de viver, com seu apelo às condições concretas da vida e aos sentimentos, não exclui o reconhecimento de uma normatividade que ultrapassa as regras criadas pelo próprio sujeito, ou seja, universalidade e particularidade não se excluem.

A experiência de estímulo ao conhecimento por meio da imagem fotográfica, efetivada num ambiente hospitalar vem corroborar a possibilidade da compreensão de ambientes socioculturais por intermédio da interpretação de obras artísticas. O uso da imagem fotográfica requer levar em consideração os signos contidos na imagem, para que o interpretante faça uso dos seus significados, a fim de compreender o meio social mostrado, correlacionando-o com o conhecimento apreendido durante a sua socialização.

Considero este estudo gratificante, pois possibilitou que pudesse realizar esta escuta articulada com as entrevistadas, correlacionando com a arte. Acredito que por meio da pesquisa nós podemos proporcionar a estas mulheres uma experiência diferenciada de contato com a arte.

REFERENCIAL TEÓRICO

ABREU E, Koifman S. **Fatores prognósticos no câncer da mama feminino**. Rev Bras Cancerol 2002; 48(1): 113-31.

ALBUQUERQUE, M.F.M. **O corpo do desejo: mulheres & imagem corporal no espaço urbano de Maceió**. Vol1. Maceió: EDUFAL, 2002. 96p.

ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, Aug. 2004 .
Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso>. access on 21 June 2010. doi: 10.1590/S0102-44502005000300012.

AZEVEDO RF. **A percepção do corpo pela mulher mastectomizada em uso de prótese** [dissertação]. Salvador: Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia; 2004.

BICUDO, F.A **entrevista- testemunho: quando o diálogo é possível**. Revista Caros Amigos. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=333DACOO1>>. Acesso em 17 de maio. 2010

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo:Companhia das Letras, 1998. p.65-87.

BOURDIEU, P. (1990). **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. 3.ed. Campinas: Papius, 1999

FERREIRA MLMS, Mamede MV. **Representação do corpo na relação consigo mesma após mastectomia**. Rev. Latino Americana de Enfermagem 2003; 3 (11): 299-304.

FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva Marques; MAMEDE, Marli Villela. Representação do corpo na relação consigo mesma após mastectomia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, June 2003 .

FOUCAULT,M. Poder-corpo. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro:Graal,1996.

FREUND, G. **Fotografia e sociedade**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1998.

Goffmann E. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4^a ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **Gênero e corpo na cultura brasileira**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005 .

GOLDIN, J.R. **Manual de iniciação à pesquisa em saúde**. Porto Alegre: Dacasa, 1997. 119p.

IMBAUT-HUART, M. J. (1985) **História do cancro**. Em J. Goof (Org.), *As doenças têm história* (pp. 175-186). Lisboa: Terramar.

MALVEZZI MG, Boemer MR. A mastectomia em seu ir se mostrando à mulher que a vivencia. *Rev Ibero-am Invest* 2000; 6(1): 39- 41.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes,2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Instituto Nacional do Câncer. **Estimativas 2008: Incidência de câncer no Brasil. Secretaria de Atenção à Saúde**. Coordenação de Prevenção e Vigilância de Câncer. Rio de Janeiro: INCA; 2007.

ONOCKO CAMPOS, Rosana Teresa; FURTADO, Juarez Pereira. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 6, Dec. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000600016&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Apr. 2011. Epub Sep 11, 2008. doi: 10.1590/S0034-89102008005000052.

POLIT,D.F.; HUNGLER,B.P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas,2005. 391p.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334p.

ROSSI L, Santos MA. **Repercussões psicológicas do adoecimento e tratamento em mulheres acometidas pelo câncer de mama**. *Psicol Cienc Prof* 2003; 23(4): 32-41.

SANT'ANNA, D. B. (2000). **A mulher e câncer na história**. Em M. G. G. Gimenes & M. H. Fávero, *A mulher e o câncer*(pp. 43-70). Campinas: Livro Pleno

SANT'ANNA, Denise. **Descobrir o corpo: uma história sem fim**. Porto Alegre: Educação & Realidade 25(2):49-58, jul./dez. 2000.

SANT'ANNA, Denize Bernuzzi. A insustentável Visibilidade do corpo. **Labrys Estudos Feministas** (Online), Brasília, v.4. agosto/dezembro, 2003.

SCHRAIBER, L. B. **Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica**. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.29,n.1, p.63-74,1995.

SILVA, Sívio Éder Dias da et al . Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 63, n. 5, Oct. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000500006&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Apr. 2011. doi: 10.1590/S0034-71672010000500006.

TELLES, João A.. **Pesquisa educacional com base nas artes: pensando a educação dos professores como experiência estética.** *Educ. Pesqui.* [online]. 2006, vol.32, n.3, pp. 509-530. ISSN 1517-9702

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.175p.

VIEIRA CP, Lopes MHBM, Shimo AKK. **Sentimentos e experiências na vida das mulheres com câncer de mama.** *Rev Esc Enferm USP* 2007; 41(2): 311-16.

VIEIRA, Josênia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade.** *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. spe, 2005 .

APENDICE A

Instrumento de pesquisa

Nome: _____

Idade _____ Estado Civil _____

Cidade _____ Estado _____ País _____

Propostas de perguntas norteadoras

O que a autora queria passar com esta entrevista?

O que esta imagem significa para você?

APENDICE B

Imagem I



Fig.1 | Framed My Breast for Posterity

APENDICE B

Imagem II



The art of Transgression

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A aluna do curso de pós-graduação em Pedagogia da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS Monalisa da Silva Pinheiro, sob a orientação da professora Luciana Grupelli Lopontel, está realizando um estudo que tem como tema:

NARRATIVAS DO CORPO FEMININO: Mulheres mastectomizadas e as artes visuais

Os objetivos do estudo são conhecer quais são os conhecimentos O principal objetivo desta pesquisa é analisar o discurso de mulheres mastectomizadas em relação às narrativas visuais do corpo feminino nas obras de Jo Spence. A pesquisadora compromete-se com a confidencialidade das informações obtidas na entrevista e garante o anonimato dos entrevistados. A coleta das informações será agenda com antecedência, combinando local, data, horário respeitando a disponibilidade e vontade do sujeito. Nesta ocasião, será esclarecido que a entrevista poderá ser retomada e aprofundada, conforme a necessidade da pesquisa. Para participar do estudo, será necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e a outra com o entrevistado. O sujeito pode retirar-se da pesquisa em qualquer momento, sem nenhum ônus para sua pessoa. As entrevistadas receberão todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da entrevista e da pesquisa Os resultados da pesquisa serão devolvidos aos participantes, antes de sua publicação, se assim desejarem.

CONSENTIMENTO DO SUJEITO DE PESQUISA

O presente documento, baseado no item IV das diretrizes e Normas regulamentadoras para pesquisas em saúde (Resolução 196/96), será assinado em duas vias, de igual teor, ficando uma em poder do Paciente ou do seu representante legal e outra com o Pesquisador Responsável.

Compreendi o objetivo e a metodologia da pesquisa e estou disposta a participar da entrevista.

Assinatura da usuária

Assinatura da pesquisadora responsável pela pesquisa.

Pesquisadora: Monalisa da Silva Pinheiro Telefones de contato: celular – 91913808

APÊNDICE D



A revista americana Time traz na capa uma jovem, que teve as orelhas e o nariz cortados pelo Talibã